

Redacção, Administração e Propriedade
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA—Telf. 5 Cete
 Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PAORE AMÉRICO
 Vates do Correio para CETE

AVENÇA

Gaiato

Visto pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 175
 PREÇO 1\$00

AQUI, LISBOA! O NOSSO LIVRO

DEIXEM-ME falar da abundância do coração. Trago-o mais cheio das dores das Furnas...

Quando estava em Miranda do Corvo, havia ali uma gaiola com canários e pintassilgos. Era o Joaquina que tratava deles carinhosamente. O zelo pelos passarinhos levou-o a procurar na farmácia um novelo de algodão que colocou dentro da gaiola numa cestinha, para que os pintassilgos fizessem o ninho a seu modo.

Bem procurava a avezinha ajeitar o ninho, mas, logo que estava quase pronto, vinha o canário e puxava por uma ponta do fio e deitava tudo ao chão. Várias vezes tentou o pintassilgo começar; outras tantas o canário lhe transtornou os planos.

Não subo à serra de Monsanto que me não lembre o episódio dos passarinhos.

Ali as aves são outras. É gente que vem desse mundo de Cristo, cansada de caminhar em busca de abrigo. Não o encontrando na cidade, procura as barracas; como estas estão também cheias, dirige-se à serra de Monsanto e ali se aninha em antigas pedreiras a trinta metros de profundidade. Passa a Polícia, passa a guarda florestal, e dá ordem de despejo. De novo os errantes se aninham debaixo da penedia, mas daí a pouco lá vem nova ordem de despejo.

Desta vez eram cinco famílias que tinham a tralha ao sol. Não quero mal a ninguém por isso. A Polícia faz mais do que pode e deve. Ai estão a comprová-lo os numerosos albergues que sustenta. O de Lisboa alimenta 1.000 pessoas.

Já ali fomos buscar vários rapazinhos que só dizem bem da Instituição.

Foi até por causa dum deles que palmilhei a serra toda. O Chefe da Polícia que para cá o mandou, dizia assim: «nós somos uns criminosos por não podermos dar a estes rapazinhos o carinho que eles merecem».

Isto foi há sete anos. Chama-se Venâncio. Era miúdo, agora é um homem. Vai nos vinte, segundo lhe parece. É a altura de prestar o serviço

militar. Mas quando e onde nasceu? Ninguém o sabe. Só a mãe.

E que é feito dela? Dirigem-se cartas para diferentes localidades por onde ele diz ter passado. Por fim aparece uma carta repassada das expressões de ternura. Era da mãe.

O Venâncio não cabe em si de contente, e não descansa enquanto não desce à Capital, visitar a mãe que ele julgava morta.

No verso do envelope lia-se a morada: Calçada da Senhora Santana. Como o rapaz não conhecia nada de Lisboa, lá fui eu com ele à procura da dita Calçada.

Depois de muitas voltas, demos com ela.

Quem conhecer a descrição do inferno feita pelo autor da Imitação, pode aplicá-la aqui, que tudo baterá certo.

Ali os olhos estendem-se por uma série infinda de pobres choupanas; ali um cheiro nauseabundo de todos os esgotos que vem dar à rua; ali dezenas e dezenas de crianças semi-nuas e esfimadas.

Encontramos finalmente a barraca Tem o n.º 820, mas há números além do milhar. A mãe não estava. Enquanto esperamos, as vizinhas contam-nos os martírios da pobre mulher.

Viveu muito tempo na rua, com os filhos, por falta de casa. Para os sustentar sai às seis da manhã, em jejum, aos farrapos e papeis; regressa à barraca (pela qual paga 150\$), ao meio dia, para comer o que apanha pelos caixotes e volta de novo aos papeis até altas horas da noite...

A pobre mulher chegou daí a pouco. Toda a alegria do Venâncio se desvaneceu quando leu no rosto da mãe

os tormentos que as vizinhas lhe tinham dito. Mais soube que o pai estava no forte de Monsanto, preso há vários anos e que os irmãos analfabetos, seguiam as pisadas da sua mãe em busca do papel.

Não há fogão, nem cama no casebre. Apenas uns farrapos.—Mas nem ao menos um cobertor?—Para quê—respondeu ela.—Já tenho chegado a casa às duas da manhã, e partir às cinco. Como é proibido apanhar papeis, nós temos de andar sempre à cautela para não irmos parar à Esquadra...

Uma coisa alegrou o Venâncio: foi saber que tinha apenas dezoito anos.

À saída, o rapaz deixa à mãe o suficiente para pagar a renda da casa e suplica-me que traga para a Casa do Gaiato, o irmãozito mais novo.

Que alegria não seria para mim, poder trazer não só o irmão como todos aqueles que por ali topamos em chusma. Mas temos a casa cheia. O Casal Agrícola vai seguindo lentamente. Só na Primavera estará pronto a receber mais trinta rapazes.

A visita dos nossos amigos

Foi uma grande peregrinação a visita dos Amigos de Lisboa. O Octávio dizia que só faltavam os eléctricos para o largo da nossa casa ser o Rossio. Eram sete autocarros da Carris e dezasseis automóveis. O Palácio encheu-se de lés a lés.

Ficaram os Amigos de Lisboa a conhecer um dos melhores monumentos da Capital, a alma dos seus filhos mais infelizes. Levaram dezenas de livros do Pão dos Pobres e do opúsculo «Obra da Rua». Deixaram 2.500\$00

(Continua na 4.ª página)



Aqui Lisboa; Casa do Gaiato de Lisboa, no Tojal, perto de Loures.

Trabalhadores. Uma coisa que deslumbra os visitantes, todos os visitantes, é observar cada rapaz em sua obrigação, ou muitos numa, sem tirar os olhos nem desviar a atenção do que estão fazendo, enquanto são observados. É natural. É a responsabilidade interior.

ESTÁ por pouco tempo. O Júlio diz que muito antes do Natal havemos de o ter pronto. Quanto a preços, ele ainda me não deu a última palavra. O Avelino informa que vamos ganhar muito dinheiro e fala numa manada de contos! Eu digo-lhe que não. Que há muitas despesas. Que há os imprevistos. Mas ele atelma. Eu quero acreditar. Eu preciso muito de dinheiro. Eu tenho cães no Mourão & Teixeira Lopes. Tenho um cão muito grande na casa Cassels. O do Araújo & Sobrinho é um cãozarrão. O do Teixeira Lopes picheleiro também ladra. O do A. Rodrigues, de grande e de bravo que é, está preso. Ora a notícia do Avelino agrada-me sobremaneira e muito me anima.

Aonde eu prevejo dificuldades é na expedição do livro. Nós já temos uns dois mil nomes registados, que são outros tantos volumes postaise eu não vejo maneira de se lhe dar despacho.

Tenho medo. A expedição do Famoso, por arrastada, é que me causa estes receios. O chefe da estação do Porto, com quem o Avelino foi conferenciar, disse-lhe que nós temos aqui muitos rapazes, quando o Avelino lhe pediu para ele nos mandar alguém, quinzenalmente: **vocês têm lá muitos rapazes.** E é verdade. Nós temos cá muitos rapazes, mas cada um tem a sua obrigação. Se chamamos os cozinheiros, quem há-de fazer o caldo? Se chamamos os refeiteiros, quem há-de pôr a mesa? Se vamos buscar os do campo, quem bota de comer às vacas? Se às oficinas, quem cuida das artes ou dos ofícios? Só temos os da administração do jornal; eles são naturalmente os da expedição do dito. E estes são apenas três. Três rapazes. Ou o chefe dos C. T. T. do Porto cuida que nós somos uma obra de assistência aos maiores e que temos cá muitos deles e muitos deles e muito deles? Não senhor. Não temos cá ninguém de bigode.

Nós gostaríamos que nos mandassem aqui, todas as quinzenas, um funcionário expedito e conhecedor. Já assim acontece, e os leitores do jornal sentiram a interferência feliz. Não houve o saco. Os jornais não deram entrada na Cen-

Cantinho dos RAPAZES

MAIS GEREZ

O cantinho d'hoje, é feito para os deles que possuem o seu pé de meia, em cadernetas. A Nação facilita este amor de cada um dos seus subditos ao peculio. Ela é mãe e quer que os seus filhos sejam felizes. Ela estimula, até, por meio de um pequenino juro. Por outro lado a Obra da Rua é nacional; segue os mesmos princípios. Quer e procura dar a cada rapaz de boa vontade, a oportunidade de fazer o seu mealhinho.

Cada um de vós tem obrigação de se defender da miséria, com unhas e dentes; e é agora que deve começar a fazê-lo. É hoje. É o caminho é o interesse pela sua caderneta. Sabeis que todos fogem dum miserável; nem por amigo, nem por vizinho, nem por nada o querem. Esta é a regra geral.

Quando vou pelos barredos, gosto sempre de levar um ou mais de vós comigo, e por várias razões o faço; sendo uma delas para que vejais. Aquele rapaz de vinte e tantos; aquele homem de trinta e tantos que por vezes topamos em condições desesperadas; nem todos, nem sempre podem, com verdade, culpar a sociedade pelo mal em que caíram. Ganhavam bem mas gastavam tudo e, por vezes, mais do que aquilo que recebiam. Não foram previdentes. Cairam nos laços da miséria e agora são por ela consumidos. Os seus companheiros de ontem, perderam-no de vista... Não aparecem. Para quê. Ele não tem nada!

Estes casos são frequentes, meus filhos. Tu podes muito bem vir a dar na mesma desgraça, mais tarde, se agora desperdiças.

Nem digas, então, que é a sociedade. É mais fácil culpar outros do que admitir a culpa. Não digas. É mesmo que o venhas a fazer, podes enganar, sim, mas não te enganas.

Trabalha, pois, pela tua independência racional, honesta, cristã. Tem vergonha de ser um peso morto. Os teus vintens na caderneta hão-de dar-te audácia e valorizam as ocasiões.

tral do Porto, à espera; e seguiram directamente ao seu destino. Vamos a ver.

EU vou aqui dizer de uma serenata que lá apareceu um domingo, a tocar para os hospedes. Tocou no hotel onde eu estava à porta, e nós, sentados em cadeiras de praia, ouvimos. Já havia luzes, pelo adiantado do dia. Era um cavaquinho. Era um pandeiro. Era uma rela de pau, à moda das festadas de Guimarães. No primeiro tocava uma rapariga. No segundo um mudo. No terceiro um rapaz; três órfãos de pai! Cantavam ao desafio, de um reportório estudado; e se a assembleia pedia bis, eles estavam prevenidos. Não se repetiam. Sabiam três modalidades.

Algumas cantigas tinham um bocadinho de pimenta, do que as senhoras muito gostavam; as de calças, já se vê. As de saias não senhor.

O rapaz tinha uma voz forte e cantava com amor. A rapariga não; nem voz nem amor. O pequenino, no meio dos dois irmãos, dava pancadas na pele do pandeiro, a cair de sono.

Tinha acabado a primeira parte da festada e o irmão dirige-se à gente, de bandeja na mão. Tem a resposta na ponta da língua. Não estranha nada. E'rapaz de festas, de feiras e dos caminhos. Ao passar junto de mim, quedou. Eu tinha ouvido com muito agrado; gosto de tudo quanto é do Minho

e mais não sou de lá. Mas via a tragédia. Sentia a tragédia. A mãe ficara com eles três e mais um de peito! Eles faziam jornadas de semanas, cantando a sua orfandade em cantigas de pimenta! Nos momentos em que esteve junto de mim, o rapaz queixa-se da irmã que não gosta de cantar; e queixa-se do irmaozito que só quer mas é dormi; e que ele tem de tocar a rela e mais os irmãos.

Deu a volta pelos presentes, guardou o dinheiro no bolso e fez uma pausa. Tinha-se juntado mais genti; a da terra também. Pediram bis. Eu continuei sentadinho aonde estava. O pequenino da pandeireta, não sei porque bulas, deixa o concerto e vem-se encostar a mim; eu, não sei por que bulas, peguei nele ao colo e encostei-o ao meu peito. Quando a festada acabou, o pequenino dormiu! O irmão aproxima-se e informa que ele é sempre assim: nós d'aqui vamos prá cama, disse. Eu também fui. Era um palheiro; um palheiro ali perto. Os três órfãos deitaram-se na palha. O rapaz quis saber o meu nome e aonde morava, e eu disse-lhe que também andava por lá e que não tinha nome. Mas anda a cantar como nós? Pergunta. Sim; ando a cantar, e com isto dei as boas noites, dirigindo-me ao hotel. Sentei-me numa sala interior, aonde

outros hospedes escreviam cartas e liam jornais. Trazia tudo no peito; a orfandade, o palheiro, a nossa inconsciência e o pequenino a dormir no meu colo. Nisto, sem se atrever a entrar, assoma à porta da sala um garoto de olhos fátscantes e grita. Vocemecê é o padre que olha pela gente e que nos ensina a ler. Vocemecê não anda por lá a cantar. Vocemecê é o Padre Américo.

Era o tocador da rela. Alguém fora ao palheiro dizer-lhe quem eu era e o rapaz vence o sono e o cansaço e vem por aí abaixo dar testemunho da sua imensa generosidade: olha pela gente e ensina-nos a ler.

Eu nunca lhe dei nada, a não ser dois dedos de conversa, até que ele se deitasse nas palhas. Nunca fiz nada por ele, nem pelos seus irmãos, nem pela sua mãe,—nunca. Mas isso que tem? Ele não mede o amor pelo que se faça a ele ou aos seus; é aos outros. Ele toma como feito a si mesmo o bem ou o mal que se faz aos mais. Ele é o toque de clarim do Evangelho. O orfão das palhas! O pedinte das feiras! O cantor das romarias!

Tantos homens condecorados por feitos e palavras,—e este gigante pequenino sem pão!

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE PRECISAMOS...

CONTINUAMOS na mó debaixo. Numa só palavra, de tudo necessitamos. Venha de tudo. Oh roupas! Isso é que era bom. Tantas e tantas vezes aqui temos batido nesta tecla. Tantas... E' o inverno. E' ele que isso pede, porque no verão quaisquer farrapos servem. Não queremos dizer que não temos recebido algumas; poucas, evidentemente. Foram gravatas, camisas, lenços, etc. um ror de coisas pequeninas e úteis. E' para os pobres.

Da última vez apelamos para que nos ajudassem a comprar estreptomycina. Esperámos de dia para dia, ansiosos de quem surprisse o débito na farmácia da terra, que já anda por novecentos escudos!... Quem nos acode? Quem quer pagar a conta da farmácia da Conferência dos gaiatos de Paço de Sousa? Nós não podemos pagá-la, se não nos ajudarem. Confiamos em vós. Os pobres são nove. Temos um tuberculoso que é um esgoto interminável de medicamentos; temos um doente quase completa-

mente podre do estomago e intestinos, a quem é preciso dar-lhe bastante leite e medicamentos sem conta. Não se pode deixar de os dar. E outros e tantos outros casos! A nossa receita é este cantinho do nosso Famoso; a não ser dois ou três subscritores. Por isso, nunca se esqueçam e lembrem-se com frequência, que os vicentinos de Paço de Sousa, se não forem ajudados, não sucumbem, mas a sua acção será tanto mais restricta, quanto menos forem as esmolas que recebem dos leitores. Eu nem quero imaginar que o passo das ofertas cadenciaria. Não; tenho confiança; isso basta.

... E O QUE RECEBEMOS

SE soubessem como ansiosos esperamos durante quinze dias! Se soubessem... São os calos. Mas em todo o caso sempre haveria de vir qualquer coisa que nos desse um pouco de alento. E veio, e ela aí vai. E' uma nossa assinante de Lisboa, que não quis estar com cerimónias e expediu pelo correio uma cartinha muito simples; pedindo-nos, a certa altura, para di-

zermos nas notícias da Conferência da nossa aldeia—«a uma assinante de Lisboa»—que o dinheiro chegou aí. Oxalá não se perca, conclui. Pode mandar quando puder, mais, pelo mesmo caminho, que nunca haverá azar. Assim todos fizessem. Pouco, muito; muitos poucos fazem muito e é certo. Não importa só a quantidade, importa também a qualidade, porque o dar de boa vontade, tem o seu mérito.

E pela quinzena de hoje, não registou o nosso correio mais nada. Se for questão de direcção, ela é muito simples e a mais conhecida de Portugal: Casa do Gaiato—Paço de Sousa. E guardemos...

J. M.

Brevemente

Isto é a Casa do Gaiato

Pedidos à Editora

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Pelas Casas do Gaiato

TOJAL COIMBRA PORTO PAÇO DE SOUSA

AQUI há tempos um Senhor de Lisboa, nosso amigo, convidou um especialista de dentes para vir tratar das nossas bocas! O Senhor Doutor disse-lhe logo que não era católico, nem baptizado, e não gostava de Padres. O outro respondeu que não vinha tratar de Padres mas sim de Rapazes da Rua, e contou-lhe a história da nossa casa. O Senhor Doutor que tinha bom coração, meteu-se no seu automóvel e veio ver a nossa casa. Daí para cá tem vindo quase todos os sábados tirar dentes com muito bom modo, e carinho para todos nós. Alguns miúdos com medo de fazer doer fogem e escondem-se e dão gritos. Mas no fim vendo que não doi nada, ficam todos contentes e calados e vão logo para o tratamento. Já nos arrancou 72 dentes, foram limpezas e pontas de fogo. E até arranjou dentes novos e placas para a Senhora. Agora é ele quem fala com os amigos, e assim já arranjou muita ferramenta de dentista. Alguns deles já cá têm vindo visitar a casa. Agora o que falta é um aparelho para brocar os dentes. Aquelas Senhoras Americanas que nos deram o outro material cirurgico é que podiam tratar disso...

A nossa Casa já está cheia com setenta e dois rapazes. Não pode levar mais enquanto não tivermos a obra nova pronta. Mas novos pedidos todos os dias. E é pena termos que dizer que não. Destes últimos que vieram estavam sete por baptizar. Depois de terem aprendido um pouco de doutrina, foram baptizados. Agora já são filhos de Deus e da Igreja. Aqui na freguesia também se tem baptizado muita gente grande. Este ano já vai em quase cem pessoas.

A nossa Conferência vai indo bem como sempre. Os nossos 38 subscritores, este ano já nos deram quatro centos e oitenta e quatro escudos.

Continuamos com os oito confrades, e com os oito pobres, cá dos arredores, todas as semanas estamos em casa deles a bater-lhes à porta, para darmos a nossa esmola, e falarmos com eles a perguntar do que eles precisam, e damos-lhe de vez em quando uma palavrazinha de conforto, e lembramos lhe o seu dever para com Deus. Estamos a amearhar um pouco para distribuímos cobertores pelo Natal.

O nosso Casal Agrícola vai andando devagar mas já tem telhado, por fora já está rabocado, e por dentro já se anda a trabalhar nos quartos. Mas não está pronto antes do fim do ano. Se no terceiro aniversário desta casa, que é em 4 de Janeiro de 1951, estivesse acabadinho é que era bom. Mas falta o melhor.

CARLOS ALBERTO

1 Além de muitas coisas que nos têm dado, deram-nos um cabaz de maçãs; umas ditas da Beira.

O senhor que as trouxe veio cá à nossa casa com sua irmã num carro de Praça.

É uma delícia comer as ditas nas merendas.

A esse Senhor agradecemos muito pelo presente, que nos trouxe, e como também à Senhora D. Ana Nogueira, que é sua irmã.

2 O novo ano lectivo em nossa casa, só tem a instrução primária. O Ratinho, que anda a trabalhar no «Laboratório Jornas», de fotografias, anda a estudar na Escola dos Artistas, para ver se faz exame da terceira classe.

Na escola industrial anda o Carlos Alberto no terceiro ano; Alfredo Serra no primeiro já citado; Leiria e José Maria são os bichos do comércio.

Em casa já só estão rapazes com a quarta classe feita; e os que não a têm vão a Miranda fazê-la.

—Como já se disse o nosso Lar é para rapazes que se vão lançar na vida.

3 No passado domingo foram visitar o Armando o Luis que é o nosso recruta, e que é um grande amigo do citado doente.

Também foram: Zé Eduardo, Alfredo e Lisboa, que trouxeram boas notícias.

Ao Hospital da Universidade foram: Ratinho, Fernando, Zé Maria e eu. O doente deste Hospital que é o Zé Brio, já está melhor.

Continuamos com um dos nossos deveres, que é visitar os enfermos, nossos irmãos e pedimos a Deus pelas melhoras dos nossos enfermos.

4 Andamos a organizar a nossa conferência, que pra já começamos por fazer visitas aos pobres, que ainda não sabemos quais hão-de ser.

—Mas que visitas são estas? E' só dar a esmola, que serve para alimento do corpo? Não! E' preciso também que a gente dê esmola para o Espírito este que é a «Alma», a esmola que se dá para o corpo é simplesmente o bilhete de entrada.

Nós vamos visitar os pobres para lhes dar a alegria da nossa presença porque nós já fomos assim.

ERNESTO PINTO

POR vezes há rapazes que lamentam que o nosso Lar esteja tão esquecido pelos nossos leitores. Esses, primeiramente somos nós que semanalmente reunimos para discutir a necessidade de cada pobre. Já houve um confrade que disse: até os portuenses que tão amigos são da nossa Obra, parece não darem pela nossa presença!

Sim realmente é verdade. Poucas são as esmolas que nos têm chegado. Já soube que os de Paço de Sousa andam todos contentes porque têm que dar aos seus pobres. Também já soube que lá entregaram quatrocentos escudos para as conferências das Casas do Gaiato e nós nem sequer a vista lhe pusemos em cima.

Portanto estão os leitores a ver, enquanto eles estão cheinhos dele, nós andamos atrapalhados.

Numa das nossas reuniões resolvemos escrever ao Senhor Bispo do Porto e ao Senhor Governador Civil do Porto, apelando para que nos auxiliassem. Antes de contar o resultado deste nosso apelo, quero expor um caso que se passou com uma mulher, que vendo-se aflita por não ter dinheiro para pagar a renda duma casa, se dirigiu ao Senhor Governador, para lhe pedir um pequeno auxílio; nunca o conseguiu! Porque? Perguntei eu. Porque os Senhores que estavam antes, não me deixaram lá chegar.

As nossas cartas deveriam ter encontrado os mesmos obstáculos que esta pobre mulher. Já foram escritas há perto de dois meses e até hoje...

Últimamente recebemos alguns donativos. No Espelho da Moda, um anónimo com cinquenta escudos e outro à nossa porta com vinte. Moçambique quis responder ao nosso apelo enviando-nos uma carta com os seguintes dizeres: para os vossos pobres e que Deus nos abençoe. Junto vinham cem escudos. De «Os Carlos», cem escudos. Na mesma carta mandavam procurar na Delegação um colchão que tínhamos pedido.

Sentimos o dever de acorrer em seu auxílio; dis o simbólico grupo. Mas... querido leitor não sentirás esse mesmo dever? Julgo que sim.

Portanto: Atenção ao Lar do Porto.

CARLOS GONÇALVES

ABRIRAM as escolas. Como os nossos amigos leitores sabem, cá em nossa casa neste tempo os nossos rapazes dividem-se em certos agrupamentos; uns para as escolas noturnas, outros para a doutrina do Sejaquim e os maiores para a biblioteca a onde aprendemos doutrina e jogamos e ouvimos o rádio.

CHEGARAM-NOS há dias dois cães da Serra da Estrela; cá os nossos rapazes puseram-lhes os nomes: Mondego e Estrela. O nosso cozinheiro conhecido pelo Contantino, é que tem ao seu encargo de lhes deitar de comer.

COMO é do conhecimento dos nossos leitores também cá na nossa aldeia existe uma pequena biblioteca, a qual se encontra muito pobrezinha.

E aqui deixamos o nosso apelo aos prezados leitores, para que não se esqueçam de nós. Todos os livros poucos que sejam que nos pudessem enviar, agradecemos.

QUERIDOS leitores como já aqui foi dito que o Rodrigo anda em preparação dum jardim venho de seu mando pedir plantas. Ele foi à casa do Snt. Abel de Castromil buscar uma porção delas, que ele lhe ofereceu, mas como ele não queria estar a dar mais maçada a este Senhor vinha lembrar aos seus amigos que possam dispor de algumas, que ainda precisa de mais, entre as quais Santolina, Tolipas etc.

O muito obrigado do Lobo vai para os Senhores que atendam ao novo apelo.

ALFREDO ROSA

S. João da Madeira

Conforme anunciamos, estamos recebendo de Casaldelo e Macieira de Sarnes grandes cestos com fruta. Uma família do Porto que possui uma quinta em Macieira de Sarnes, declarou que nos dava o resto da fruta da sua quinta. Aqui em S. João da Madeira temos bons visinhos. Esses têm-nos dado bolas, bolachas, fruta, etc., etc. Uns senhores ofereceram-nos uma peça de pano e alguns metros de riscado para fazer camisas. Agradecemos muito e contamos com a generosidade de todos os nossos amigos.

A nossa biblioteca vai andando cada vez mais. Recebemos mais duas remessas de livros daqui perto! Outros senhores que nos visitaram deixaram mais cinco e assim sucessivamente, temos recebido também revistas brasileiras. Nós gostamos muito de ler revistas, assim como o Stadium, Seleção e também a Bola, Mundo Desportivo, Flama, Norte Desportivo, etc. Se houver algum senhor que tenha, mande e se quiser assinar para nós, faça o favor.

JOSÉ MARIA SARAIVA

ISTO É A CASA DO GAIATO

E estava aqui no meu escritório quando o Arlindo me vem pedir o *Comércio de hoje*, que era para o Constantino ver uma coisa.

Fiquei admirado. Era precisamente a hora do jantar, quando o Constantino tem de estar na cozinha todo inteiro, a mandar comida para o refeitório dos grandes e para o refeitório dos médios e para o refeitório dos pequenos e para a mesa dos senhores e para a mesa das senhoras e para o hospital; eu fiquei admirado. O Arlindo nota o espanto e declara que é só para ver uma coisita e que o torna a trazer já já. Respeitei a coisita e entreguei o *Comércio*, tendo desde aquela hora mudado de opinião. Nunca mais torno a dizer a ninguém que os grandes diários não trazem nada que se leia. Trazem sim senhor. Trazem coisas importantes, capazes de fazer parar o trânsito numa cozinha de duzentas pessoas, à hora do repartir; é para o Constantino ver uma coisa. Também eu gostava muito de ver uma coisa que dantes aparecia no *Comércio* e agora não; a *Opinião* do Libório Barradas. Eu lia tudo e lia sempre e dava-lhe razão e ficava a morrer por mais. Mas o Libório calou-se e eu não vejo lá nada que o substitua. Se não fosse o Constantino querer ler uma coisa, pouco uso teria o jornal, e eram cento e oitenta escudos que a gente metia à algibeira todos os três meses. Assim não. Assim continua a vir.

UM destes dias vieram ter comigo dois dos mais pequenos com uma caixa de fosforos e dentro uma nota de vinte escudos com algumas moedas de prata. Os pequenos disseram-me que este dinheiro estava metido num buraco e deram-me todos os pormenores. Perguntei-lhes se suspeitavam de alguém e disseram-me que não. Tomei a caixa de fosforos sem abrir e guardei-a numa gaveta. Isto foi num sábado. No dia seguinte, à hora da missa, o evangelho foi a caixa dos fosforos mai-lo dinheiro. Estavam ali cento e oitenta rapazes. Eu comecei por dizer que é frequente ver rapazes de todas as idades entregarem dinheiro a mim ou aos chefes, do que nos deixam os visitantes; mas que, desta vez, tinha um caso muito triste a dizer: estava ali um a ouvir-me, quem recebeu dinheiro e foi escondê-lo num buraco. Prêguei sobre as trevas e a luz; quem anda na luz não se esconde. Prêguei sobre o roubo e disse que no momento em que alguém rouba a outro um objecto, nesse mesmo momento contrai a obrigação de o restituir; se for um relógio, é aquele mesmo relógio. Se uma galinha, é aquela mesma galinha. Ninguém pode fazer seu o que pertence aos mais. Estavam cento e oitenta rapazes, digo. Eu estava no altar e era ali um sacerdote. Sempre no mesmo tom de voz, declarei que estava ali a ouvir-me o que tinha escondido a caixa no buraco e que Deus sabia muito bem quem ele era. Que desejaria que esse tal fosse amanhã um homem de bem e ensinei-lhe como ele havia de fazer para o conseguir; vir ter comigo pela calada. Eu, da minha parte, não diria nada a ninguém. E aqui dei o sermão por terminado.

Vem a segunda feira. Era já noite. Eu estava no meu escritório com luz. Entra um rapaz dos grandes a pedir-me que lhe perdoasse. Eu olhei. Não me lembrava na maré do que se tinha

passado ontem e calei-me, à espera que ele falasse; que me dissesse o que tinha feito. O rapaz põe os olhos no chão e diz *fui eu que escondi a caixa do dinheiro. Não diga nada a ninguém.* Eu abri a gaveta aonde ontem a tinha colocado e mostrei. Sim. Era aquela, disse o rapaz. Abri; despejei. Sim era aquele o dinheiro. O réu contou-me como e de quem e quando o recebera. Pede-me se se pode retirar e repete *não diga nada a ninguém.* Não disse; não direi nada a ninguém. Amor com amor se paga.

Em o domingo seguinte, o evangelho da missa tornou a ser a caixa de fosforos mai-lo arrependimento. Estavam cento e oitenta rapazes. Alguns dos presentes não têm feito assim... Eles sabem que não têm feito assim! Quanto a mim não posso fazer mais. Nós plantamos e regamos; o resto é Obra de Deus.

O Xancaxé falou-me hoje pela décima vez do seu fato, agora de olhos humedecidos, quase a chorar. Foi o caso que um visitante lhe deixara um lindo fato de calção e casaco e boina. O rapaz vestiu-o no domingo seguinte e um outro domingo; e no terceiro a senhora da rouparia vai e troca-lho! Começaram aqui os seus trabalhos mai-los meus. Ele nunca mais me largou: *a senhora não mo quer dar.* Hoje, dia de Todos os Santos, imediatamente a seguir à missa, ele vem à sacristia, estica os braços, a mostrar como era curto das mangas o casaco que trazia,—olhe. E as lágrimas vieram-lhe aos olhos!

Ora o Xancaxé pregou-me há dias com uma bola na cara, no campo de jogos; foi em chuto. Foi sem querer, como ele disse, e foi. Mas eu andei mais de 15 dias sem ver de um olho e com os óculos partidos do lado aonde a bola bateu. Nesta obra não pode de maneira nenhuma haver o senhor director sem risco de perder o prestígio. Se eu fosse aquilo, ficava mal, já se vê. O senhor director com um olho botado abaixo pelo Xancaxé! Desprestígio. Assim não. Assim ficou tudo em nada e eu vou pedir à senhora da rouparia que faça favor de dar o seu a seu dono. Pronto.

O Risonho está no leito, a caldos. Não pôde ir à última venda. Deu a Câmara ao Presidente, mas roubaram-lha, segundo ele me disse, no seu regresso: *roubaram-me a Câmara; o Risonho tinha-me dado.* Ora o Risonho já tem roubado a outros, Bancos e Caixas. Ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão. Adiante.

O leite tem mingado; vacas ocupadas. Pode faltar para um ou outro rapaz, mas o que não falta nunca é para os dois cachorros de Manteigas, que daquela terra nos ofereceram. Às tantas da manhã, é certa a presença do Constantino com duas caçoilas de migas, e farta assistência de rapazes a dizerem que sim. E' ele e ela; Mondego e Estrela. Eu tinha posto Sultão e Sultana, mas não colou... Eles não querem nada com o oriente. São ocidentais cem por cento. Mondego e Estrela.

OUTRA vez Faísca mais as suas estupendas realizações. D'aqui de onde estou escrevendo esta, vejo-o na quinta, às flores. Amanhã é dia

de Finados. Ele tem guardado nas suas coisas um papel com os nomes e números das campas dos nossos que vão morrendo. Eu já vi esse papel. Mas há mais. Ontem, ao ver-me sair no Morris e sabendo que eu ia ao Porto, vem-me pedir velas: *traga velas. São cinco campas. Não se esqueça.* E eu não me esqueci. E castiçais? Perguntei eu. O rapaz estava prevenido. Já os temos, disse. São de cana.

Pode ser que outras campas, no cemitério de Paço de Sousa, tenham tido mais velas do que as nossas; pode ser. Nenhuma, porém, com tanta luz! Nenhuma com tanto amor! Nas outras há a carne e o sangue. Nas nossas há o espírito. Eles amam-se na vida e na morte.

O Moléstia fugiu. O Snr. António Martins fugiu. Marcou-se-lhe o castigo que ele havia de cumprir e em vez de o fazer resolveu deixar a sua casa e agora anda por lá! Como este, outros. O derradeiro foi o Diamantino. Marcou-se-lhe o castigo. É difícil castigar rapazes grandes e é perigoso deixar de o fazer. Eu opto pelo difícil; marquei-lhe castigo. *Que não,* disse ele. Os companheiros mais velhos aconselharam-no. O seu mestre de oficina também. *Que não;* e foi-se embora! O Maximiano também assim fez. Todos hoje andam por lá. Há tempos encontrei um no Barredo. Dormia no Cais da Ribeira sobre um monte de carqueja. Metia medo! Um destes, ao sair de casa, declarou que não precisava da obra, nem do P.^e Américo para coisa nenhuma. E aqui há alguns anos, em Coimbra, quando a nossa obra era muito pequenina, um dos rapazes disse-me na cara a mesma coisa e mandou-me abaixo de Braga. Todos andam por lá e essa é a minha pena.

Isto é um bocadinho da Casa do Gaiato. Um bocadinho, porque o melhor não se diz a ninguém e eis porque, sendo a nossa obra de grande prestígio, quem há aí que deseje e procure sinceramente participar deste prestígio,—quem? Sem ter tomado parte nas festas Centenárias de João de Deus, aqui deste meu cantinho, muito tenho meditado

n'Ele e nelas. O que não foi Ele no seu tempo! Quanto lhe não custou a maiúscula com que este jornalzinho hoje o trata! Porque preço não lhe ficou esta jornada triunfal dos Ibéricos! E' preciso que o trigo morra; e se não morrer não dá pão! Pois o Moléstia fugiu. Fugiu sim senhor. Deixou ficar o seu lago. Deixou ficar o seu repuxo. Deixou ficar as suas pombas. Deixou ficar a sua aldeia. Deixou-me ficar a mim. Tudo isto trocou por nada. Fugiu.

SAÍDO que foi daqui o jardineiro profissional de quem já falamos, aparecem à minha beira Abel e Faísca a declarar que iam fazer um muito melhor. Eu achei pouca modéstia. Eu achei mesmo desplane; *a gente vai fazer um melhor.* Como se não fora profissional o artista que tinha estado.

A seguir vem o regador; a questão do regador. Eu explico: o Zé de Arouca tomou conta da conservação do jardim que o Snr. Moreira da Silva teve a bondade de nos vir traçar. E logo ao segundo dia veio-me informar que necessitava de um regador porquanto, segundo ele, a água deitada por um balde fazia poças. Ora toda a gente sabe que as poças não dizem bem num jardim de categoria. Dei ordem ao Zé de Arouca e ele foi comprar um regador. Um regador novo. Um regador a espelhar. Um regador a fazer chuva.

Adeus poças. Zé de Arouca, fiel ao trabalho da conservação do jardim, mal acaba de regar, vai fechar o regador. Ele sabe aonde está e com quem lida... Ora aqui é que nasceu a questão. Abel e Faísca foram aonde o regador estava e esconderam-no. Zé de Arouca procura e veio a saber. Abel e Faísca dizem-lhe que regue ele com o balde. *Que vão fazer um jardim mais lindo.* Que lhe não dão mais aquele regador. Ora vejam os senhores o que eu aqui não passo! Como se não fora pouca a basófia dos dois, ainda por cima vão ao Zé de Arouca buscar uma coisa que lhes não pertence e de que ainda não precisam! Mas perderam; Zé de Arouca não é dos que se deixa comer.

AQUI, LISBOA!

(Continuação da 1.^a página)

e muitos embrulhos de roupas e brinquedos. Muitos deles não faziam a menor ideia da Obra, mas—dizia o Pedro—bem se via que iam perdidos de contentamento por terem cá vindo.

Bom é que os Lisboaetas aprendam o caminho para cá.

Um estrangeiro—Um dos nossos bons Amigos deu-lhe a conhecer a Obra. Como bom inglês, conhecia e amava a Obra do Dr. Bernardo. Exultou ao saber que em Portugal também havia quem amasse as crianças abandonadas.

O nosso Amigo deu-lhe a escolher, na única tarde disponível, um passeio a Sintra ou à Casa do Gaiato. O inglês preferiu esta.

Passou connosco a tarde inteira.

Viu tudo e tomou chá do nosso. Quando lhe perguntaram se dava a tarde por perdida, respondeu:—*De modo nenhum!* Isto depõe mais a favor de Portugal do que Sintra.

Que o saibam quantos dizem que a Obra da Rua não tem sequer interesse nacional.

Ao despedir-se o nosso Amigo Inglês acrescentou:

Somos nós os homens do dinheiro, que não procuramos outra coisa que não seja o dinheiro, quem tem obrigação de olhar por aqueles que como nós, só cuidam no bem do próximo.

Eis como, mesmo sem banquetes, se leva para o estrangeiro o nome de Portugal. Na verdade, basta que uma Obra seja humana, para interessar ao mundo inteiro.

PADRE ADRIANO